



O DESENVOLVIMENTO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO COTIDIANO ESCOLAR: UMA RELAÇÃO INTERDISCIPLINAR

Gerlândia Beatriz Teobaldo de Oliveira¹
Maria Luiza Gonçalves da Silva²
Alice Santos de Moraes e Silva³

RESUMO

O presente trabalho intitulado “O desenvolvimento da língua portuguesa no cotidiano escolar: Uma relação interdisciplinar” tem por objetivo analisar o desenvolvimento da língua portuguesa através da oralidade. Neste, para uma base teórica, será feita uma discussão acerca das principais teorias/abordagens da aquisição da linguagem, a partir de Melo (2005), Cezario e Martelotta (2008); os processos de aquisição da leitura e os modos de ler com Bezerra (2001) e Kato (1985). Além desses teóricos nos atentamos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Proposta Curricular do Estado da Paraíba. O desenvolvimento da pesquisa ocorreu através das pesquisas bibliográficas, além de observações em duas escolas municipais, uma da cidade de Esperança, Paraíba e a outra na cidade de Campina Grande, Paraíba, durante duas manhãs, no período de 7 até as 11 horas. Com isto, percebemos que o conhecimento da língua portuguesa não se constrói sozinho. Ele se constrói através da interação com o mundo, com as pessoas ao redor e com as demais disciplinas, de forma interdisciplinar.

Palavras-chave: Língua Portuguesa, Oralidade, Aprendizagem, Interdisciplinar.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto das discussões desenvolvidas durante as aulas de Ensino de Língua Portuguesa, na graduação de Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), *campus* I, como também de pesquisas bibliográficas e observação *in loco* do cotidiano de uma sala de aula.

A partir disto estabelecemos como objetivo geral analisar o desenvolvimento da língua portuguesa através da oralidade, com os objetivos específicos de: Investigar o processo de aquisição da linguagem da criança; Analisar os documentos que embasam o desenvolvimento da língua portuguesa na educação e Observar e analisar a interação entre professor-aluno.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, gerlandiabto@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, luizagoncalvess2@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, moraisalice22@gmail.com.



Para isto, realizamos pesquisas bibliográfica, com teóricos como Melo (2005), Cezario e Martelotta (2008) e Del Ré (1999), acerca das principais teorias/abordagens da aquisição da linguagem. E pesquisamos também sobre os processos de aquisição da leitura e os modos de ler com Bezerra (2001) e Kato (1985). Além desses teóricos nos atentamos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Proposta Curricular do Estado.

Esta pesquisa é de suma importância pois ao se analisar a oralidade, é possível chegar a compreensão que esta não precisa ser necessariamente trabalhada em aulas de Português, mas de forma interdisciplinar, nas demais disciplinas do currículo. O que para o pedagogo ou pedagoga contribuirá tanto para a mediação de conteúdo-aluno, como na mediação professor-aluno e professor-conteúdo.

A AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM PARA O DESENVOLVIMENTO DA LÍNGUA

Antes de discutirmos sobre o desenvolvimento da língua portuguesa achamos importante pesquisar como ocorre o processo de aquisição da linguagem. Pois, sem este entendimento e desenvolvimento no cotidiano, não há um domínio da língua.

O processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem vem sendo extensivamente estudado ao longo dos anos e por este motivo há várias teorias/abordagens à serem discutidas. Entre elas se encontram a teoria Behaviorista, o Inatismo, o Construtivismo, o modelo funcional de Halliday, a abordagem pragmática e o sociointeracionismo.

Teorias e abordagens estas que trazem definições e pontos de vista diferentes a serem discutidos em relação a aquisição da linguagem. Enquanto o Behaviorismo acredita que o ser humano é uma “tábula rasa” e só se desenvolveria através de estímulos e respostas, o Inatismo afirma que possuímos uma gramática universal inata que possibilita o desenvolvimento da língua.

Já o Construtivismo, de Piaget, afirma que a aquisição da linguagem só seria possível devido ao desenvolvimento mental da criança e como resultado da interação entre ambiente e organismo. Enquanto que o sociointeracionismo de Vygotsky, afirma que esta aquisição se daria a partir da interação do sujeito com a sociedade em que vive, utilizando mediadores como a mãe para interagir com o mundo.



Partindo da perspectiva interacionista, além de Piaget e Vygotsky, há Bakhtin analisando o discurso, por que para ele, de acordo com Del Ré (1999), o discurso é social, “pois discursiva com outros discursos ou, como coloca Bakhtin, o discurso se encontra na fala do dia-a-dia, uma vez que a todo momento faz-se menção à fala do outro, na tentativa de dar credibilidade à própria fala”.

A linguagem, neste caso, seria resultado da interação social do locutor, do receptor e do tópico do discurso. Portanto esta teria caráter ideológico, o que nos proporciona o entendimento acerca da ideologia do outro a partir da análise do seu discurso. E a partir da aquisição da linguagem o indivíduo se torna capaz de interagir com o mundo, e desenvolver-se nele. Com esta interação outros processos do desenvolvimento vão sendo atingidos. De acordo com Del Ré (1999, p. 62), Bruner afirma que:

Assim que a criança domina as formas de linguagem, ela aprende que aquilo que se faz está diretamente relacionado ao modo como se relata o ato. Desse modo, por volta dos 3 ou 4 anos, a criança aprende a usar suas histórias, uma mescla da versão canônica e da versão pessoal, com atenuantes para bajular, enganar, agradar, justificar, enfim, conseguir o que quer sem que para isso se estabeleça qualquer tipo de constrangimento entre ela e aqueles que ela ama (BRUNER *apud* DEL RÉ, 1999, p. 62).

A leitura, por exemplo, possibilita que a criança interaja com o mundo de outras formas e também com as pessoas ao seu redor. Kato (1985), Orlandi (2001) e Bezerra (2005) discutem sobre o aprendizado da leitura e as suas concepções. Há de acordo com os autores, alguns modelos teóricos da leitura, cinco no total: Ascendente; Descendente; Ascendente-descendente; Teórico do letramento e Análise do discurso.

O modelo ascendente é voltado apenas para o reconhecimento de letras, sílabas, palavras e sentenças do texto. O modelo descendente afirma que a leitura é dar sentido ao texto de acordo com seus conhecimentos prévios, visando o texto como o todo.

Já o modelo ascendente/descendente afirma que o ato de ler envolve tanto a informação impressa no texto quanto a informação que o leitor traz para o texto. Mas o modelo teórico do letramento diz que ler é uma prática social, portanto o leitor aprende a se colocar criticamente na sociedade visando o social, o coletivo. E, por fim, o modelo



de análise do discurso o qual afirma que ler é descobrir outros sentidos e interpretar e produzir sentidos sócio historicamente situados.

OS DOCUMENTOS ACERCA DA LÍNGUA PORTUGUESA E O TRABALHO DA ORALIDADE DE FORMA INTERDISCIPLINAR

Como base para o ensino da língua portuguesa, podemos nos basear em três documentos, dois nacionais e um regional, como a BNCC, o PCN e a Proposta Curricular do Estado. Estes documentos norteiam o processo de ensino-aprendizagem e servem como orientação para os profissionais da educação. De acordo com a BNCC,

Ao componente de Língua Portuguesa cabe, então, propiciar aos estudantes experiências que contribuíam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens (BRASIL, 2016, p. 67-68).

Além disto, a Base Nacional estabelece eixos e campos que devem ser trabalhados em sala de aula.

Os campos de atuação orientam a seleção de gênero, práticas, atividades e procedimentos em cada um deles. Diferentes recortes são possíveis quando se pensa em campos. As fronteiras entre eles são tênues, ou seja, reconhece-se que alguns gêneros incluídos em um determinado campo estão também referenciadas a outros, existindo trânsito entre esses campos (BRASIL, 2016, p. 85).

Esses campos de atuação, nos anos iniciais, dividem-se em quatro. São eles: o Campo da vida cotidiana; Campo artístico-literário; Campo das práticas de estudo e pesquisa; Campo da vida pública. Campos estes que podem e devem ser trabalhados de forma interdisciplinar com o objetivo de desenvolver as capacidades de cada educando.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa, deixam estabelecido o aprender e ensinar, os objetivos gerais e os conteúdos de Língua Portuguesa. Os blocos dividem-se em dois: Língua oral e Língua escrita, para o trabalho com o uso e as formas. Estes atentam tanto para o desenvolvimento da escrita, como para a leitura e a interação com o mundo ao redor.



Bebendo da BNCC, a proposta curricular do Estado da Paraíba irá trazer também os eixos da Base Nacional, como também os passos essenciais para o currículo de português, os princípios fundamentais da língua portuguesa e os direitos de aprendizagem do aluno.

O eixo da oralidade deve ser trabalhado por meio de leituras em voz alta, através de momentos de interação em sala de aula, como apresentações, debates, entrevistas e outros, visando preparar o aluno para interagir com o mundo e entender a diversidade linguística existente a sua volta. Já o eixo da leitura, pretende possibilitar ao aluno a aquisição de autonomia para construção dos conhecimentos fora da escola, através do estudo dos gêneros textuais existentes no meio social e escolar.

O eixo da Produção, podemos dizer que é a junção dos dois eixos anteriores, pois através do ato comunicativo que se organiza os gêneros textuais e discursivos. E o eixo da análise linguística/semiótica, diz respeito à percepção de como a língua/linguagem funcionam para construir sentidos e busca analisar elementos que são importantes para a compreensão do texto.

Em geral, todos os eixos visam o desenvolvimento pleno do aluno para interagir em sociedade, de forma que entenda as nuances e diversidades existentes. Desse modo, o ensino da língua portuguesa também possibilita a construção de um indivíduo para uma sociedade de paz e respeitosa.

Em relação aos princípios fundamentais, estes se dividem em quatro: Concepção Interacionista; Letramento; Texto; Concepção de sujeito. O princípio da concepção interacionista é concentrado no processo de construção do conhecimento, feito através da interação, portanto a linguagem seria fruto das ações coletiva e individual. O letramento é voltado para a inclusão e participação do sujeito nas práticas de leitura e escrita em todos os âmbitos da sociedade.

Já o princípio do Texto, como afirma Bronckart (1999) citado na proposta curricular da Paraíba, é a "Unidade básica do trabalho com a linguagem, espaço em que se concretiza todo agir de linguagem". Portanto este uniria as ideias, troca de saberes, construção e o conhecimento em si. E a concepção de sujeito faz referências a construção do sujeito, através da interação, do diálogo e do discurso, de forma autônoma e capaz de interagir em sociedade.

Por fim, o que compreende os direitos de aprendizagem e desenvolvimento do aluno? Compreende as competências gerais da BNCC e das especificidades de



Linguagens. Devido a isto, tem por finalidade proporcionar a compreensão das práticas de linguagem (oral e/ou escrita), como também favorecer a interação linguística e social do sujeito aprendente. Desta forma o(a) estudante amplia o seu letramento, fortalece a sua participação social com responsabilidade e, por fim, potencializa a sua cidadania.

METODOLOGIA

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu através das pesquisas bibliográficas em sala com os textos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Proposta Curricular da Paraíba que retratam o ensino e desenvolvimento da Língua Portuguesa.

Após este aprofundamento teórico, realizamos pesquisas de observação em duas escolas municipais, uma da cidade de Esperança, Paraíba (escola 1), e a outra na cidade de Campina Grande, Paraíba (escola 2), durante duas manhãs, no período de 7 às 11 horas. Escolhemos duas pois pensamos em analisar a partir de dois pontos de vistas como ocorre o trabalho em duas escolas com a língua portuguesa.

Na escola 1, a pesquisa foi realizada em uma turma do quarto ano, na qual era composta por em média 14 alunos. Na escola 2, a pesquisa foi realizada em uma turma do terceiro ano, na qual era composta por em média 16 alunos.

O professor 1, referente à escola 1 encontra-se na instituição apenas a um ano após ter sido aprovado no concurso público de Esperança. Ele é natural de Solânea e desloca-se todo dia entre ambas as cidades, sendo uma delas como residência e outra para exercer sua docência. A professora 2, referente à escola 2, encontra-se na instituição acerca de quatro anos. É natural do município de Queimadas, mas reside em Campina Grande.

Em entrevista, os dois professores apresentaram bastante conhecimento do seu papel de atuação como mediadores do conhecimento, o que pode ser perceptível durante as manhãs de observações, bem como demonstram uma afeição em relação ao papel desenvolvido no processo educacional. Fatos esses que puderam ser comprovados nas observações da interação com todos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Escola 1

O professor 1, adentrou a sala, deu bom dia aos alunos, que o responderam no mesmo entusiasmo. Em seguida, deu início a oração universal, juntamente com toda a turma. A partir do término da oração, o professor, com a utilização de recursos audiovisuais (*datashow*), apresentou para as crianças, que estavam todos sentados em seus respectivos lugares, o plano de aula desenvolvido pelo mesmo para a aula em questão.

Buscando interagir com os mesmos, pondo em prática o plano, iniciou-se uma leitura silenciosa, do texto referente a zumbi dos Palmares, e logo em seguida, uma leitura compartilhada, sendo sugerida da seguinte maneira:

Professor 1: “Após essa leitura silenciosa, vamos agora, ler novamente, porém no decorrer da leitura, irei escolhendo alguns de vocês para ler em voz alta, enquanto os outros acompanham em leitura silenciosa. Certo? ”.

O aluno, leu um parágrafo referente ao texto, em que destacava o local em que viveu zumbi. Logo, tornando a aula interdisciplinar, e resgatando o aprendizado das aulas anteriores o Professor 1 pergunta onde se localiza Alagoas e qual a sua capital. Tendo respostas certas às duas perguntas.

Dando continuidade a leitura do texto, o professor escolheu mais uma criança. Ela, em sua leitura, cometeu alguns "gaguejos", que logo foram sendo auto corrigidos, com o encorajar do professor, para que mesma continuasse lendo. Até chegar na palavra "Quilombo", logo, interveio novamente o professor:

Professor: Lembram, o que é um quilombo?

Alunos: É...! A cidade?

Professor: Não, vocês já esqueceram, o que é o Quilombo?

Alunos: Alguma comida?

Professor: Não! Quilombo, era o local onde os negros moravam.

Alunos: Aa! Verdade, professor.

Professor: No caso, vamos fazer de conta agora que aqui onde vocês moram é o Quilombo, como acontecia a resistência negra?

O professor 1, buscando trazer para realidade de seus alunos, explicou novamente de que forma acontecia a resistência negra. Após o término, da leitura do texto, resgatando o que já havia, segundo o professor trabalhado em sala, o mesmo propôs para complementar o texto "menina bonita, do laço de fita", que os alunos



utilizassem de fitas, para colocar no cabelo após trançados. Fazendo referência a cultura negra, inclusive com o desenvolver de algumas brincadeiras.

A aula chegou ao fim com o seguinte questionamento: O que significa consciência negra para nós hoje? Qual o valor?. Obtendo respostas como: "somos todos iguais", "valorizar as diferenças", "o respeito".

Professor 1: Ótimo, deu pra perceber que vocês conseguiram compreender bem. E lembrando, que todo o respeito, e tudo que aprendemos no decorrer desta semana, vocês deveram levar para o resto da vida de vocês, não apenas neste momento.

Escola 2

A professora 2, ao entrar na sala de aula, cumprimentou as crianças, que as responderam imediatamente. Em seguida, realizaram um momento de acolhida, com uma breve oração.

Antes de dar início a aula, houve uma rápida conversa informal, entre os próprios alunos, até que a professora 2 iniciou a aula de fato. Ela solicitou a atenção das crianças, e disse que iriam trabalhar um novo gênero textual: o convite. Procurou também saber quantas crianças já haviam recebido ou enviado convites, e se elas sabiam as informações contidas no mesmo. Montou a estrutura de um convite de aniversário de uma criança no quadro e questionou os alunos sobre as informações contidas no convite.

Professora 2: Pessoal, vamos prestar atenção aqui na frente, porque hoje vamos trabalhar um novo gênero textual: o convite. Quem aqui já recebeu ou entregou algum convite?

Alunos: Eu tia! Eu, tia! / Aluno 1: Eu tia! Do meu aniversário.

Professora 2: Parece que quase todos já receberam um, mas vocês sabem o que sempre vem escrito em um convite?

Aluno 2: O lugar da festa, tia. / Aluno 3: A hora, professora.

Após a professora 2 explicar a finalidade de um convite e apontar os campos de informações presentes na maioria dos convites, como endereço, horário finalidade e nome do aniversariante, entregou a todos a cópia de um convite real de aniversário e de forma coletiva realizou a interpretação daquele convite:



Professora 2: Pessoal, vou entregar a vocês esse convite e juntos vamos descobrir a quem pertence e para onde estão nos convidando. A que evento este convite está se referindo? Qual é o acontecimento?

Alunos: É um aniversário, tia!

Professora 2: Muito bem, gente. Como vocês descobriram?

Aluno 3: Porque tem o desenho do bolo, 'né' tia?

Professora 2: Quem é o aniversariante e quantos anos ele irá completar?

Alunos: O Lucas, ele vai fazer 3 anos. / Alunos 2: Ô tia, meu irmão fez 3 anos também, a festa dele foi da Patrulha Canina.

Professora 2: Foram entregues convites da festinha do seu irmão?

Alunos 2: 'Foi' sim, tia.

Professora 2: Qual o dia e o horário da festinha do Lucas?

Alunos: É dia 15 de setembro, professora. / Aluno 1: Mas esse dia já passou, não foi, tia?

Professora 2: Passou, mas este é só um exemplo que estamos vendo.

Alunos 2: Tia, 17:00h é que horas?

Professora 2: São as cinco horas da tarde.

A Professora 2 afirma que, trabalhar a oralidade das crianças de forma coletiva, de maneira que ele ouça o que os mesmos têm a dizer e ao mesmo tempo esteja interagindo e levando sempre em consideração as suas falas e suas capacidades de argumentação a aula se torna mais dinâmica e proveitosa para ambos.

Após o momento de interação e troca de informações coletivas, a professora volta a entregar alguns pedaços de folhas em branco e pede para que as crianças escolham algum colega da turma para que construam um convite, seguindo todas as instruções e contendo todas as informações que estão presentes em um convite de aniversário. Neste momento as crianças ficaram mais agitadas e conversando entre si.

Professora 2: Pessoal, vocês irão observar como foi produzido o convite do aniversário de Lucas e deverão escolher algum coleguinha o qual querem que esteja presente na sua festa de aniversário.

Aluna 4: Ô tia, 'apois ' eu vou fazer um convite pra senhora.

Professora 2: Muito obrigada, pode fazer.

Aluno 1: Ei, eu vou chamar tu e ela pra minha festa, tá bom? / Aluno 5: Eu também vou. / Aluno 1: Meu bolo vai ser do flamengo, tu quer ir? / Aluno 5:



Quero. Tu vai me convidar? / Aluna 4: Ô tia, pode fazer dois convites? Quero chamar Aluna 2 e a senhora.

Professora 2: Pode sim, quando você terminar o seu primeiro, venha pegar outra folha.

Nesse momento percebe-se que o diálogo deixa de ser professor-aluno e se torna aluno-aluno.

Em ambas as aulas observadas, percebemos que os professores possuem uma boa relação professor-aluno, na qual foi possível ser percebida através dos diálogos. O professor 1, mesmo não especificando as disciplinas consegue de forma interdisciplinar trabalhar com os seus alunos diversas disciplinas e, conseqüentemente, a oralidade do/com os alunos.

A professora 2, da mesma maneira, buscou trazer um trabalho interdisciplinar para os alunos. Este trabalho possibilitou também uma associação entre conhecimentos científicos, conhecimentos prévios e a relação com o cotidiano.

Como orientam os documentos nacionais, o desenvolvimento da língua portuguesa com estes professores, ocorreu de forma clara, mas mesmo assim interdisciplinar. Um dos eixos de Português, oralidade, foi o mais trabalhado e com isto possibilitou uma melhor relação dos alunos com o mundo que convive.

Nesta fase, a linguagem tem o papel de centro dinamizador da construção do sujeito, e sendo a escola o lugar social institucionalizado para esse fim. Cabe ao ensino da língua portuguesa oferecer experiências e vivências que possibilitem a interação do aluno com o próprio professor, do aluno com outros alunos, em seu lugar de sujeito aprendente, e o aluno com o mundo físico e social do seu contexto. Mediado pela representação mental ou simbólica, por meio da leitura, da produção textual, da análise linguística, empregando a oralidade e a escrita.

Desta forma, analisando as aulas de português em ambas as instituições, percebemos que os dois professores organizaram com clareza e objetividade os objetivos que deveriam ser alcançados naquela determinada aula, de modo que atendesse as necessidades conforme as etapas de maturidade bio-psico-intelectual de seus alunos, para poder impulsioná-los, paulatinamente, mediando pela linguagem e pelos textos trabalhados, às descobertas do fazer, social e afetivo científico (como no momento em que a professora 2 solicitou que as crianças produzissem seus próprios



convites), acrescido de aspectos político e ideológico. O que definirá a constituição da identidade desses alunos.

De acordo com a Proposta Curricular do Estado da Paraíba, as crianças do 1º ao 4º ano possuem 6 direitos específicos de aprendizagem, muitos desses direitos foram percebidos e trabalhados durante as aulas nas duas escolas. Houve a:

Compreensão e produção de textos orais e escritos de diferentes gêneros, veiculados em suportes textuais diversos, e para atender a diferentes propósitos comunicativos, considerando as condições em que os discursos são criados e recebidos, como foi trabalhado na escola 2, a partir do gênero textual convite.

Compreensão e apreciação do universo literário (contos, fábulas, crônicas, poemas, dentre outros), levando-se em conta os fenômenos de fruição estética, de imaginação e de lirismo, assim como os múltiplos sentidos que o leitor pode produzir durante a leitura, como fez o professor 1, utilizando-se da leitura coletiva e individual.

Compreensão de textos orais e escritos com finalidades voltadas para a reflexão sobre valores e comportamentos sociais, planejando e participando de situações de combate aos preconceitos e atitudes discriminatórias (preconceito racial, de gênero, preconceito a grupos sexuais, preconceito linguístico, dentre outros). Como foi bem observada na proposta do professor da escola 1.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de aquisição de linguagem é essencial para o desenvolvimento da língua materna, após esse processo o indivíduo se torna capaz de melhor interagir com o mundo. Com as orientações deixadas pelos documentos direcionados à educação, o processo de ensino-aprendizagem se constrói de forma a desenvolver as capacidades dos alunos e alunas, em interação com outros e com a linguagem.

Observamos a partir da pesquisa bibliográfica e *in loco*, que a língua portuguesa nos anos iniciais do ensino fundamental, pode ser trabalhada de forma interdisciplinar. Pois, ao se trabalhar com as demais disciplinas, estará trabalhando também com a língua portuguesa, seja através da oralidade ou da escrita.

Portanto, se torna essencial que o trabalho com os educandos seja trabalhado de forma interdisciplinar e de forma grupal. No processo de ensino-aprendizagem é importante que os estudantes estejam em constante interação com o outro. Para dessa



forma construir uma melhor relação com as pessoas a sua volta e assim, passar o conhecimento de que vivemos em uma sociedade, e nesta sociedade há uma gama de diversidade. Diversidade esta que deve ser (re) conhecida e respeitada.

Concluimos então que o conhecimento acerca da língua portuguesa, não se constrói sozinho. Ele é construído através da interação com o outro, na leitura, na fala, na escuta, nas produções textuais, como também na análise dos significados existentes na linguística. Por isso, ele pode ser trabalhado de forma interdisciplinar e de forma que se construa uma comunidade mais respeitosa. Pois entendendo o outro, entende a si mesmo e consequentemente o respeito se desenvolve.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** Língua Portuguesa. Brasília, 2017.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais:** língua portuguesa /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília, 1997.

BEZERRA, M^a Auxiliadora. Livros didáticos de Português e suas Concepções de Ensino e de Leitura: Uma Retrospectiva. In: DIAS, Luiz Francisco (org.). **Texto, Escrita, Interpretação: ensino e pesquisa.** JP: Ideia, 2001.

CEZARIO, Maria Moura; MARTELOTTA, Mário Eduardo. Aquisição da linguagem. In: **Manual da linguística.** Org. de Mário Eduardo Martelotta.- 1. Ed., 1^a reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008.

DEL RÉ, Alessandra. Discurso da oralidade: da teoria à prática. In: **Tópicos de psicolinguística aplicada** / organizado por Lélia Erbolato Melo. 2. ed. – São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

KATO, Mary. Processos de decodificação: a integração do velho com o novo em leitura. In: KATO, Mary. **O Aprendizado da Leitura.** SP: Martins Fontes, 1985.

MELO, Lélia E. Principais teorias/ abordagens da aquisição de linguagem. In: **Tópicos de Psicolinguística Aplicada**, organizado por Lélia E. Melo. SP: Associação Editorial Humanitas, 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. As histórias das leituras. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura.** 6 ed. São Paulo: Cortez: Campinas editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

PARAÍBA. **Proposta Curricular do Estado da Paraíba:** ensino infantil e ensino fundamental. Paraíba, 2018.